

# Reforma política ampla é exagero, diz autor

Cientista político afirma que o Brasil precisa de mudanças na legislação eleitoral, mas sem alterar Constituição

**Para Jairo Nicolau, da UFRJ (Universidade Federal do Rio de Janeiro), os partidos precisam se fortalecer**

**ROGÉRIO GENTILE**  
DE SÃO PAULO

Desde os anos 1990, a cada crise, a cada novo escândalo, alguém sempre levanta a voz para defender a necessidade de o país passar por uma reforma política, como se fosse uma solução mágica para os problemas nacionais.

O cientista político Jairo Nicolau, professor da UFRJ (Universidade Federal do Rio de Janeiro), não pensa assim. Nicolau, que lançou o livro "Representantes de quem?" pela editora Zahar, diz que o país precisa de pequenas mudanças na legislação e que o rótulo "reforma" gera expectativas exageradas.

Segundo o professor, é necessário reduzir a hiper-fragmentação partidária (a bancada que tomou posse nas Câ-

mara em 2015 era formada por 28 partidos), fortalecer os partidos e corrigir efeitos negativos do sistema eleitoral, como, por exemplo, o fato de não haver uma correta proporção entre a população dos Estados e o número de representantes na Câmara.



**Folha - Desde os protestos de 2013, o país convive com instabilidade política. O senhor está otimista em relação a 2017?**

**Jairo Nicolau** - Existem três vetores que provavelmente trarão enorme imprevisibilidade à política brasileira neste ano: a decisão do TSE a respeito da chapa Dilma-Temer, os desdobramentos da delação da Odebrecht e a eventual divulgação pelo STF dos processos contra políticos que têm foro privilegiado.

Tranquilidade é impossível. Mas a crise que levou ao afastamento da presidente Dilma foi dramática. Minha intuição é que em termos de crise política o pior já passou.

**Como é possível fazer qual-**

**quer acordo razoável numa Câmara com tantos partidos?**

O grande número de partidos faz todas as negociações ficarem mais difíceis. A vantagem é que a fragmentação partidária não se traduz em fragmentação ideológica.

Nossa dispersão dos rótulos partidários esconde um quadro muito pouco diversificado em termos programáticos. O que é o "centrão"? Um aglomerado de deputados de diversas legendas que pensam muito parecido e estão em partidos diferentes por meras circunstâncias regionais.

**No livro, embora aponte vários problemas no nosso sistema político eleitoral (como a fragmentação e a migração partidária), o senhor diz que o país não precisa de uma reforma política. Por quê?**

Acho que caímos numa armadilha ao discutir as reformas da legislação eleitoral e partidária sob o rótulo de reforma política. Isso gerou uma expectativa em alguns setores totalmente exagerada.

O sistema representativo

brasileiro tem problemas graves, e no livro sugiro uma série de mudanças. Mas prefiro não chamar de reforma política.

**Mas é possível fazer mudanças, ainda que pequenas, com parlamentares que foram beneficiários das regras atuais?**

Claro que é possível, senão nenhum país do mundo mudava seu sistema eleitoral. O problema é que embora exista uma insatisfação difusa em relação a certos problemas do nosso sistema representativo, não há nenhum consenso sobre o que colocar no lugar.

Esta legislatura votou, só numa noite em 2015, três propostas diferentes de sistema eleitoral. Todas foram rejeitadas. Mas o que mais me impressiona é que nenhum dos partidos tem uma proposta de reforma política para orientar seus filiados e parlamentares.

**Quais são as medidas fundamentais?**

Na minha visão, bastam algumas mudanças simples, sem necessidade de alterar a Constituição.

Daniilo Verpa - 22.abr.2014/Folhapress



**O cientista político Jairo Nicolau, professor da UFRJ**